

DF vive drama sem área para depositar seu lixo

ELIANE TRINDADE

O crescimento populacional acelerado do Distrito Federal traz consigo um drama: a superprodução de lixo. A geração de 1,2 milhão de toneladas de detritos por dia vem colocando em xeque o atual sistema de coleta, tratamento e destinação final do lixo urbano. O Serviço de Limpeza Urbana (SLU) está em processo de redimensionamento. Só que a nova política implantada pela Secretaria de Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia (Sematec), atual gestora do órgão, está correndo contra o tempo. Caso não seja tomada uma série de medidas em tempo hábil, os técnicos prevêem o colapso em 18 meses.

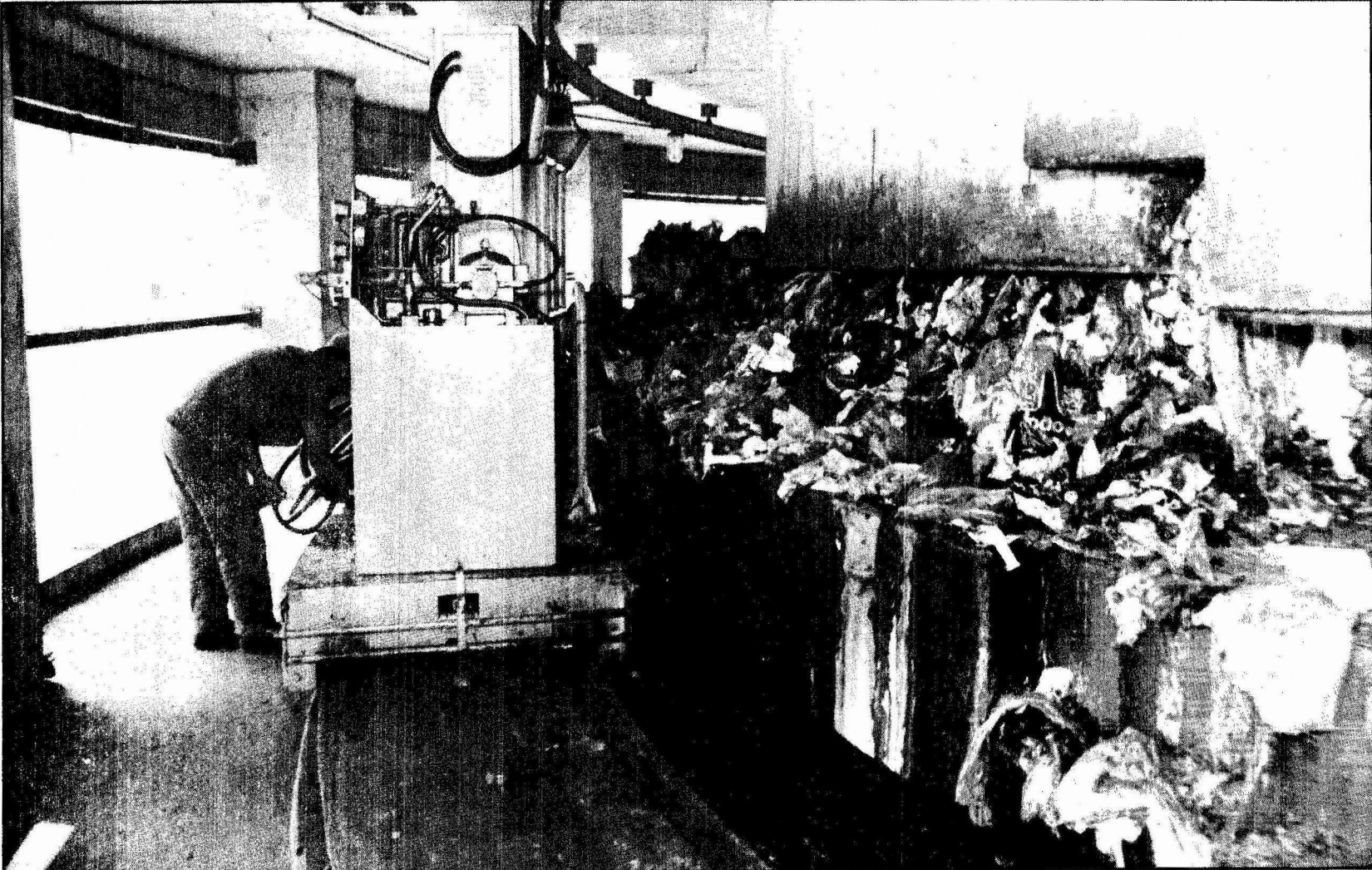
Segundo estudos da Sematec, que absorveu o SLU no início desse ano, o problema exige de imediato a construção de duas novas usinas de tratamento, recuperação da Usina de Ceilândia e da L/4 Sul, criação de dois aterros sanitários e recuperação dos "Lixões". O consultor da Sematec, Cícero Bley, é categórico quando afirma que se não forem tomadas decisões rápidas, em 1 ano e meio, "não vai adiantar fazer a coleta do lixo no DF, porque simplesmente não haverá lugar onde jogá-lo". O alerta tem como respaldo o fato de a área total do Distrito Federal ser de apenas 5 mil 811 quilômetros quadrados.

A questão da falta de espaço é central. Cícero Bley ressalta que hoje 40% do território do DF é destinado à proteção ambiental, tendo-se em vista a preservação das nascentes de água potável. "Recurso natural em escassez na região", fri-

sa Bley. Outra parcela considerável de área foi reservada para a expansão urbana. Sobram no final apenas 5% do território para a destinação final do lixo e esgoto. "Todo este pequeno espaço já está ocupado", salienta o consultor. Diante desse quadro, a política de lixo se centra na reciclagem e no tratamento dos resíduos urbanos.

Poluição — Encarado como uma fonte de poluição, o problema do lixo deixou de se submeter a uma política setorial, se enquadrando num planejamento maior. Para isso, o SLU passou à esfera da Secretaria do Meio Ambiente. "O lixo urbano se constitui numa poluição difusa, produzida dia a dia, por todos", assinala Bley, defensor da visão ambiental da questão do lixo.

"No DF essa visão é indispensável, considerando-se a escassez de água e de espaço", reitera. Essa situação, segundo Bley, exige que todo o lixo produzido na região seja tratado. Ainda assim 35% dos detritos não são reaproveitados. Os rejeitos precisam ser depositados em aterros, hoje inexistentes no DF. Dentro do planejamento de Brasília não foi previsto nenhum local para destinação final do lixo. Para suprir essa lacuna, os resíduos são depositados em cinco "lixões", que contrariam todas as normas ambientais. "Grande parte do lixo vem sendo lançada a céu aberto em locais escolhidos aleatoriamente", critica Bley, acrescentando que a administração pública não pode admitir uma destinação final in natura. "Os resíduos urbanos precisam ser tratados até para diminuir o volume final", completa.



Problemas operacionais fazem com que a capacidade das duas usinas seja subutilizada, deixando 70% do lixo sem processamento

Tratamento atinge só 30% do total

Do lixo produzido diariamente no DF, apenas pouco mais de 30% é tratado. Pela estrutura existente, seria possível processar perto de 70%. Só que a capacidade das duas usinas existentes vem sendo limitada em função de problemas operacionais. A Usina de Ceilândia, que poderia receber até 600 toneladas/dia, vem operando com a metade de sua capacidade nos dois últimos meses. Também com problemas, a Usina da Asa Sul só recebe 120 toneladas diárias. No momento, pelo menos 800 toneladas de lixo são jogadas diariamente in natura nos lixões espalhados pelo DF. O que recebe maior volume é o do Jóquei Clube.

O Lixão recebe cerca de 600 toneladas de lixo por dia. O local abriga cerca de 500 catadores, que tiram dos resíduos o sustento de suas famílias. Ali todos trabalham em péssimas condições e separam o lixo a céu aberto. Dentro da nova política de lixo está previsto o projeto Repovoado, em que os catadores serão transferidos da área e trabalharão em cooperativa. Além do lixo, os lixões recebem também os rejeitos das usinas de tratamento, que não contam com aterro para depositá-los. Por esta razão, a Usina de Ceilândia, localizada no P Sul, é apontada como uma das principais poluidoras do DF.

Modelo — A questão do tratamen-

to de lixo é defendida não só pelo aspecto ambiental explícito, como também para a redução do volume de rejeitos. Para isso estão em andamento projetos-piloto de coleta seletiva, para não deixar ir para o lixo o que ainda pode ser reaproveitado. A separação de materiais reaproveitáveis e de valor comercial já está sendo feita no Banco de Brasília (BRB), para servir de modelo para o Setor Bancário. Lá, todo o papel vêm sendo reaproveitado e existe até uma contabilidade ambiental, pela qual a cada dia os funcionários somam quantas árvores deixaram de ser cortadas.

A coleta seletiva também já está se processando no Hospital de Base, onde seringas, vidros e material plástico vem sendo separados em alguns andares. Apenas o material contaminado continua sendo incinerado. Outro projeto-piloto é desenvolvido no Palácio do Buriti, exemplo para os demais órgãos públicos. A experiência em residências vem sendo executada experimentalmente em Brasília. O projeto-piloto envolve 900 casas na satélite. Há dois meses, os moradores do Setor Tradicional e das quadras 2 e 4 Sul vêm separando os vários tipos de lixo.

Neste momento, a coleta seletiva na satélite abrange uma pequena parcela do total de 18 toneladas/dia de lixo geradas. Por enquanto, a re-

ciclagem atinge 2 mil toneladas por dia. Gradativamente, o projeto deve se estender a toda a satélite, engajando os seus 40 mil moradores. Para dá suporte ao programa, foi construída uma unidade simplificada de tratamento, que funciona em forma de cooperativa de catadores. Em três galpões é feita a compostagem do material orgânico e a classificação dos demais produtos, trabalho facilitado pelo fato de o lixo seco e o lixo molhado chegarem ao local separados.

Comunidade — O superintendente do Instituto de Ciência e Tecnologia da Sematec, Rogério Pereira Dias, atesta que a coleta seletiva está surtindo o efeito esperado. Antes da implantação do projeto, técnicos da secretaria e do SLU fizeram visitas às casas e escolas da área piloto. Depois de reuniões com a comunidade e da apresentação do projeto, começou a tarefa. "A população absorveu com bastante facilidade a sistemática de coleta", elogia Dias, prevendo que, se mantido o atual ritmo, o programa estará em toda a satélite em 8 meses.

O superintendente explica que Brasília foi escolhida como área piloto da coleta por ter uma população menor e por estar em uma Área de Proteção Ambiental e de captação de água. A região pertence à Bacia do Rio Descoberto, que abastece boa parte do DF. (E.T.)



Os lixões sustentam muita gente

Investimento alto justifica política

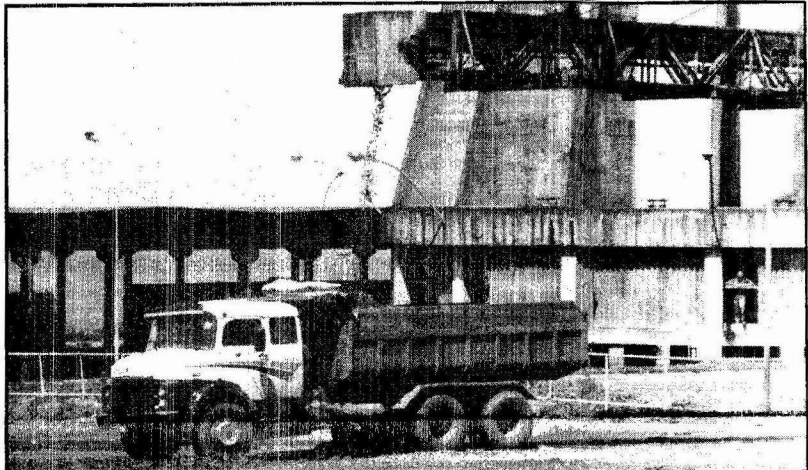
O tratamento adequado do lixo — desde a coleta até a destinação final — requer altos investimentos e ocasiona gastos expressivos aos cofres públicos. De acordo com dados que justificam a nova política de lixo a ser implantada no DF pela Secretaria de Meio Ambiente (Sematec), os gastos em Limpeza pública representam um orçamento anual de 114 milhões de dólares, tendo como realização financeira 40% desse total.

No orçamento para 1993, estão previstos cerca de 12 milhões de dólares para iniciar a implantação da nova política, segundo o consultor da Sematec, Cícero Bley. Dinheiro a ser destinado à recuperação da usina de lixo da L/4 Sul, na reforma da usina de Ceilândia e na construção de aterros sanitários. A verba se destinará ainda para a formação da primeira cooperativa de catadores, a funcionar em uma mini-usina de tratamento, projeto orçado em 3 milhões de dólares.

Riqueza — Associado a somas vultosas, o lixo é mais comumente ligado à miséria. Quem o associa à pobreza, desconhece o potencial de reciclagem. A atividade de catar lixo é definida por Cícero Bley como "um garimpo urbano". A riqueza do lixo reside no aproveitamento dos seus diversos materiais, muitos deles em escassez no meio ambiente. Do lixo seco, saem papel, vidro, plástico, latas. O lixo molhado se transforma em adubo a partir da maturação dos compostos orgânicos.

Oito empresas do DF já desobriram o potencial econômico do lixo e apostaram na reciclagem. Existe um Projeto de Lei, de autoria do deputado Fernando Neves (PTR), em tramitação na Câmara, incentivando a prática desse ramo de atividades no DF. Com a implantação da coleta seletiva, o material seco e molhado do lixo estarão separados, aumentando a cotação do papel e demais produtos, que por serem pré-selecionados terão maior valor comercial.

O lixo nosso de cada dia já é fonte de renda para 500 pessoas que vivem e trabalham no Lixão ao lado do Jóquei Clube. Outras 15 famílias se sustentam trabalhando na miniusina de lixo que funciona em Brasília para dar suporte ao programa de coleta seletiva na satélite. Cada um dos catadores vem retirando por mês cerca de Cr\$ 2,5 salários mínimos. (E.T.)



A Usina de Ceilândia poderia processar o dobro do que faz hoje

Ceilândia funciona à meia força

A usina de lixo de Ceilândia está com as engrenagens e câmara lenta, enquanto passa por um período de adaptação. A quebra de várias peças ocasionou o fechamento de uma das duas linhas de processamento, restringindo a capacidade de separação do lixo à metade. O superintendente do Serviço Autônomo de Limpeza Urbana (SLU), Miguel Farah, prevê o pleno restabelecimento do serviço até fevereiro. Os equipamentos necessitados de reparos ou substituição dependem de processo de licitação, o que vem provocando o adiamento do conserto.

Em agosto, o GDF decidiu operar diretamente a usina. Até então, a empresa Carioca Engenharia, responsável pela construção, tinha um contrato de operação e de manutenção, no valor de 400 mil dólares mensais (Cr\$ 440 milhões), que não foi mais renovado. Com a proposição da nova política de limpeza urbana, o duplo gerenciamento — já que o SLU era o responsável pela parte de triagem dos materiais inorgânicos, pela movimentação dos materiais triados e dos rejeitos e, também, pela limpeza da unidade — foi extinto. O argumento foi "perda de controle operacional, de planejamento e fiscalização sobre os serviços prestados pela usina".

Um exemplo de descontrole é o preço fixado para o adubo produzi-

do. Congelado por dois anos, o produto estava sendo vendido, até o final de novembro, por Cr\$ 630. Um adubo de qualidade — o de galinha — compatível com o retirado da usina, tem o preço da tonelada fixada em Cr\$ 300 mil. Com as mudanças no gerenciamento da usina, está sendo preparada uma portaria a ser assinada pelo Secretário de Meio Ambiente, Washington Novaes, elevando o preço do adubo para cerca de Cr\$ 140 mil a tonelada, valor subsidiado para o produtor rural.

Por falta de controle já foram vendidas 25 mil toneladas do adubo a preço velho, transações que estão sendo reavaliadas pela Sematec. A usina está produzindo apenas 3 mil toneladas do produto por mês. Deve ser baixado, nos próximos dias, um decreto regulamentando a venda. É proposta a limitação por categoria, além da formação de um comitê fiscal composto por agricultores. A norma vai limitar o consumo de adubo a 120 toneladas para cada produtor rural por ano, o correspondente a um caminhão por mês. Particulares poderão comprar até um caminhão de 12 toneladas por ano. As entidades públicas e privadas, como o Departamento de Parques e Jardins, também só poderiam adquirir 120 toneladas por ano, cada uma (E.T.)

EXIGÊNCIAS PARA LICENCIAMENTO

- Construção da estação de tratamento de efluentes líquidos — chorume — hoje parcialmente construída, faltando o sistema de lagoa, que segundo registros ficou a cargo da Caesb. Os efluentes são lançados praticamente in natura
- Construção do sistema de drenagem dos pátios de armazenagem de composto
- Construção de alambrados a fim de confinar os pátios de manuseio e armazenagem de plásticos filmes, uma vez que os ventos fortes na área espalham plásticos pela vizinhança.
- Ampliar as possibilidades de triagem de materiais, adequando as esteiras de catção, a equipe de profissionais e os equipamentos disponíveis.

- Estabelecer um plano de limpeza, com equipe específica, a fim de reverter o quadro de sujeira em que se encontra a unidade.
 - Dotar a rede elétrica própria da entrada da Usina de conjunto estabilizador de carga, de modo a permitir a utilização dos medidores de umidade e temperatura, essenciais ao controle do composto orgânico.
 - Elaborar plano de terminação do composto.
 - Ampliar as condições operacionais com plásticos filmes e adotar sistemas de classificação e armazenagem de plásticos duros.
 - Realizar periodicamente o controle de qualidade e sanidade do composto orgânico.
- Fonte: relatório do Núcleo de Monitoramento e Controle de Poluição da Sematec.

Sematec administra a poluição

Ao assumir o SLU, a secretaria passou a conviver e responder por uma fonte poluidora

A Secretaria do Meio Ambiente está convivendo com uma espécie de "corpo estranho" desde janeiro. Ao assumir a gestão do Serviço de Limpeza Urbana (SLU), a pasta responsável pela política ambiental no DF, está administrando uma fonte de poluição e de problemas: a usina de tratamento de lixo de Ceilândia. A obra de 10 milhões de dólares ainda está incompleta. Além de apresentar falhas no processo de separação e compostagem dos resíduos orgânicos, a usina vinha jogando os rejeitos numa erosão próxima. Esse aterro improvisado foi embargado pelos próprios técnicos da Sematec.

O superintendente do Instituto de Ecologia e Meio Ambiente (Iema), Otto Ribas, informou que foi estipulado pela Sematec um

prazo de um ano para que seja colocado em prática um plano operacional da indústria. A usina ferre, inclusive, a Lei nº 41 de Proteção Ambiental, que exige das atividades potencialmente poluidoras, o licenciamento ambiental. Depois que assumiu a usina, a Sematec concedeu uma licença provisória e determinou uma série de medidas para que seja concedida a definitiva. De mais imediato, o SLU deverá deslançar um plano de recuperação da área degradada em torno da usina dentro de 90 dias.

O prazo está correndo desde 15 de novembro. A recuperação da erosão que serviu de depósito para rejeitos, inadequadamente, vem acompanhada da determinação de tratamento do chorume

(efluentes líquidos), que é venenoso. "O chorume é a mistura de vários produtos químicos e possui alta toxicidade", esclarece Ribas.

É defendido ainda a implantação de um Plano Operacional, visando a segurança do trabalhador. Na visão de Otto Ribas, é preciso otimizar os fluxos de produção, diminuir os gastos com energia e fazer a manutenção periódica dos equipamentos. Outro ponto fundamental é o estudo locacional dos aterros de rejeitos. Segundo Ribas, além da extinção dos lixões, a construção de um aterro deve ser complementada ainda uma lagoa para recepção do chorume produzido pela usina, medida esta prevista desde o início do projeto, mas que não saiu do papel (E.T.)

Desafio inclui mudança de hábitos

O crescente acúmulo de lixo nos grandes centros urbanos se transformou em um desafio para os órgãos públicos responsáveis pela coleta e destinação final desses resíduos, mas também exige mudanças de hábitos e de postura da população. A opinião é do Superintendente do Instituto de Ecologia e Meio Ambiente (Iema), Otto Ribas. Enfático, alerta que a produção exagerada de lixo está diretamente ligada ao estilo de vida adotado pela sociedade moderna. "É preciso que as pessoas arquem com o ônus de uma

sociedade consumista, que produz lixo sem parar", prega Ribas.

O discurso é repetido por todos os envolvidos com a questão. Com a popularização dos produtos descartáveis, aumentou-se a geração de lixo. São jogados fora diariamente, quantidades enormes de frascos plásticos, fraudas, embalagens e outros subprodutos utilizados no nosso dia-a-dia. O grande dilema é o desperdício de materiais frente a perspectiva de escassez, lembra Ribas. Um pequeno exemplo são as canetas. Enquanto no

passado, uma caneta-tinteiro poderia ser usada por toda a vida, hoje cada pessoa consome diversas.

Além do consumismo desenfreado, a produção do lixo no Distrito Federal tem um outro agravante. O volume de resíduos aumentou consideravelmente, a partir dos novos núcleos urbanos surgidos na última década. "Criou-se em dez anos três novas cidades-satélites no Distrito Federal", assinala o superintendente do Serviço Autônomo de Limpeza Urbana (SLU), Miguel Farah. (E.T.)